



Artes: Adriano de Aquino e a pintura na direção da beleza • 6

# SEGUNDO CADERNO

Pop: Michael Jackson flerta com a dance music em novo disco • 12

QUARTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1997

## O batismo do detetive Espinosa

Prêmio consagra livro do estreante Garcia-Roza, prestes a virar filme

César Loureiro



GARCIA-ROZA EM sua biblioteca, no Rio: o acadêmico vira ficcionista com o livro de estréia premiado, negocia a obra com cineastas e prepara um novo policial

Elsabeth Orsini

O relógio marcava 23h de segunda-feira quando o telefone tocou na casa do filósofo e professor de psicologia Luiz Alfredo Garcia-Roza, no Morro da Vidua. Marcus Gasparian, coordenador do Prêmio Nestlé — o maior, no total oferecido em dinheiro, da literatura brasileira — pediu desculpas pelo adiamento da hora e anunciou: "Seu livro foi premiado!"

— E precisava pedir desculpas para dar uma notícia dessas? — brincou o vencedor, entusiasmado com o prêmio de seu primeiro livro de ficção, "O silêncio da chuva", protagonizado por um certo detetive-filósofo

Espinosa e publicado ano passado pela Cia das Letras. Garcia-Roza venceu na categoria romance estreante e é uma das maiores surpresas do resultado do concurso, que prevê R\$ 30 mil para o autor e R\$ 10 mil para sua editora. Entre os estreantes, os outros vencedores do Nestlé são Antonio Fernando Borges, com "Que fim levou Brodie?" (contos) e Antonio Cicero, com "Guardar" (poesia). Na categoria dos autores consagrados, cujo prêmio é de R\$50 mil para cada vencedor, ganharam Carlos Heitor Cony e seu "O plano e orquestra" (romance); "Cheiro de amor", de Edla Van Steen (contos); e "O livro sobre nada", de Manoel de Barros (poesia).

Tudo indica que a vida deste cidadão carioca de 60 anos, criado em Copacabana, e frequentador do Bar Lagoa e do Lamas, vai mudar radicalmente. Professor

do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro há 30 anos, autor de oito livros na sua área, todos com o selo Jorge Zahar — "Freud e o inconsciente", por exemplo, está em sua 14ª edição — Garcia-Roza não é mais o acadêmico de cabelos brancos que caminha cinco quilômetros, ao cair da tarde, no calçadão da Praia do Flamengo. Além de ganhar o prêmio mais cobiçado na área literária brasileira, ele já está discutindo a versão para o cinema de seu primeiro livro:

— Tenho várias propostas, mas só posso adiantar que foi o cineasta Murilo Salles quem me procurou primeiro — conta o autor, que há 10 anos coordena, no Instituto de Psicologia da UFRJ, uma pós-graduação em teoria psicanalítica frequentada por psicanalistas como, por exemplo, Joel Birman. *Continua na página 2*

### Ang Lee e o choque do fim da inocência

Sucesso em Cannes, diretor conta ao GLOBO como encara as críticas

Carlos Hell de Almeida

Enviado especial • CANNES

As relações familiares, orientais ou ocidentais, continuam rendendo assunto ao diretor de Taiwan naturalizado americano Ang Lee. Elas aparecem sob diferentes circunstâncias desde "Pushing hands", o primeiro filme do diretor, que está competindo no Festival de Cannes com "The Ice storm". Neste novo trabalho, recebido com entusiasmo pela platéia e duramente criticado por parte da imprensa francesa, detém-se num período muito especial para a família americana: o ano de 1973, quando uma série de acontecimentos teriam tirado a ingenuidade dos Estados Unidos. Os críticos atacam especialmente a desinibição das cenas que mostram crianças e pré-adolescentes descobrindo-se sexualmente. Há uma seqüência em que a personagem de Christina Ricci mata sua curiosidade sexual com um menino de 12 anos no banheiro da casa dos pais do garoto.

— O filme mostra situações moralmente desafiadoras sim, desconfortáveis de se ver até — diz Ang Lee, em entrevista ao GLOBO. — Também não foi fácil para mim filmar estas cenas, até porque tenho duas crianças em casa. *Continua na página 10*

### Fafá volta às paradas e faz show no Rio

Intérprete do sucesso "Vermelho", a cantora critica marketing do boi

Mauro Ferreira

O boi não virou mania nacional, como pretendiam as empresas que investiram dinheiro no ritmo amazense, mas deu a Fafá de Belém seu primeiro hit depois de três discos de desempenho irregular no mercado. "Vermelho", faixa gravada ao vivo pela cantora em Parintins, virou sucesso nacional. A cantora sobe ao palco do Caneção, de amanhã a domingo, feliz com as 320 mil cópias vendidas do disco "Pássaro sonhador". O show tem o mesmo título do CD e estreou no Teatro da Paz, em Belém, na semana passada, seguindo em turnê nacional depois da temporada carioca.

— O lançamento nacional do boi teve um marketing equivocados — avalia Fafá. — Não se podia lançá-lo para competir com o carnaval, porque ele nada tem a ver com carnaval. O movimento continua forte no Norte, mas não sei se ele vai voltar a acontecer no Brasil. A maioria das letras do boi é regional. Já "Vermelho" é uma música muito forte, que tem uma letra com vocábulos nacionais.

"Vermelho" e "Pássaro sonhador", dois gravados por Fafá de Belém no seu último disco, marcaram a volta da cantora às suas origens nordestinas. Por isso mesmo, "Pássaro sonhador" abre um roteiro que inclui ainda sucessos como "Paupixuna", "Som dia, Belém", um *pot-pourri* de carimbó e claro, "Vermelho".

— O show é a tentativa de levar para o palco o meu reencontro com a minha história, a redeclaração do meu trabalho — define Fafá. — "Pássaro sonhador" é a história do caboclo, do povo comum do Amazonas, que é também a minha história. A partir do Norte, faço uma viagem por tudo o que cantei. *Continua na página 10*

